

**MACHADO DE ASSIS CRONISTA. A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO HISTÓRICO  
PARA A ANÁLISE DAS CRÔNICAS MACHADIANAS**

**Daniela Mantarro CALLIPO**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo ressaltar a importância da leitura de periódicos para a exata compreensão das crônicas escritas por Machado de Assis ao longo de quarenta anos de produção jornalística. Foram tomadas como exemplo duas "Balas de Estalo" escritas para o jornal carioca *Gazeta de Notícias* em 1885: no primeiro caso, um comentário a respeito da morte de Victor Hugo; no segundo caso, uma análise da tristeza do Rio de Janeiro, que teria "perdido" o cantor italiano Tamagno. Nos dois casos, a leitura dos jornais se revela fundamental para a análise das crônicas.

**Palavras-chave:** Machado de Assis, crônicas, periódicos

**Abstract:** This article aims to study the importance of newspapers for the good understanding of the chronicles of Machado de Assis during forty years of journalism production. Two "Balas de Estalo" was selectionneted. Both of them was writed to the newspaper *Gazeta de Notícias* in 1885; At the first case, a comment of the Victor Hugo"s death; at the second case, a comment of the sadness of Rio de Janeiro, wich lost the italien singer Tamagno.

**Keywords:** Machado de Assis, chronicles, newspapers

Machado de Assis, além de ter escrito romances e contos, foi também um grande cronista do século XIX. Durante quarenta anos, publicou mais de seiscentas crônicas e, graças ao seu talento, elevou seus textos jornalísticos ao mesmo estatuto de suas outras obras. O que deveria ser efêmero, por causa do veículo em que era publicado, tornou-se perene e fonte riquíssima de estudos literários, sociais e históricos.

O leitor contemporâneo pode, devido ao talento do autor de *Dom Casmurro*, deliciar-se com suas "Balas" divertidas, sagazes, por vezes críticas, mas sempre inteligentes e reveladoras da sociedade do oitocentos. Para compreender as crônicas de Machado de Assis, entretanto, é preciso conhecer o contexto em que foram escritas. O texto publicado em jornal, que comentava as notícias da semana, está fortemente vinculado a um determinado momento histórico. Ignorá-lo, resulta em uma compreensão limitada - e por vezes errônea - da crônica.

Este trabalho tem por objetivo demonstrar como o contexto histórico é importante para a análise das crônicas machadianas, tomando como exemplo duas "Balas de Estalo"

publicadas no jornal carioca *Gazeta de Notícias*. A primeira, de 28 de maio de 1885, na qual o escritor carioca comenta de maneira chistosa a morte do grande poeta francês Victor Hugo. Faz-se necessário, primeiramente, transcrever alguns trechos da crônica

"*Rien n'est sacré pour un sapeur!* Leio nas folhas públicas, que a morte de Vítor Hugo tem produzido tanta sensação como os preços baixos da grande alfaiataria Estrela do Brasil. *Rien n'est sacré pour un ... tailleur!* Eu, em criança, ouvi contar a anedota de uma casa que ardia na estrada. Passa um homem, vê perto da casa uma pobre velhinha chorando, e pergunta-lhe se a casa era dela. Responde-lhe a velha que sim - Então permita-me que acenda ali o meu charuto.

Imitemos este homem polido e econômico. Vamos acender os charutos no castelo de Hugo, enquanto ele arde. Vamos todos, havanas e quebra-queixos, finos ou grossos, e os mesmos cigarros, e até as pontas de cigarro. *Nunc est fumandum*. Incêndios duram pouco, e os fósforos são vulgares.

Completemos as estrofes com coletes, façamos de uma ode uma sobrecasaca. Está chorando, meu amigo? Enxugue os olhos no cós destas calças. Vinte e dois mil-réis, serve-lhe? Vá lá, vinte e um. E olhe que é por ser para si. A gramática não é boa, mas o sentimento é sincero. *Ce siècle avait deux ans...* Pano fino; veja aqui, que está mais claro. *Gastibelza, l'homme à la carabine...* Vai pelos vinte e um? é de graça. Vinte? Vinte é pouco, dê vinte e quinhentos. Não? Está bom; vá lá... *Poète, ta fenêtre était ouverte au vent...*

(...) Sei que resta a polca, que não há de querer perder um petisco tão raro, como a morte de um grande poeta. Há a dificuldade dos títulos, que, segundo a estética deste gênero de dança, devem ser como os da última ou penúltima publicada: Seu Filipe, não me embrulhe! Não se pode dizer: - Seu Vítor, não me embrulhe! A morte, ainda que seja de um grande espírito, não se compadece com este gênero de capadoçagem.

O modo de combinar as coisas seria dar às polcas comemorativas um título que, com o pretexto de aludir a escritos do poeta, trouxesse o pico do escândalo. Freira no serralho, por exemplo, é excelente, com esta epígrafe do poeta: *De nonne, elle devient sultane*. E pontinhos. Ou então, este outro: A filha do papa! Eia, polquistas, não desesperemos da basbacaria humana.<sup>1</sup>

Quando Victor Hugo morreu em Paris em 22 de maio de 1885, uma multidão avançou pela avenida Champs-Élysées em direção ao Arco do Triunfo, onde o corpo do poeta seria velado. Os jornais do tempo encarregaram-se de descrever o cortejo formado por milhares de pessoas que seguiram o funeral do autor de *Les misérables*, vítima, em 14 de maio daquele mesmo ano, de uma congestão pulmonar à qual não resistiria.

No Rio de Janeiro, a tristeza também foi grande. Todos sabiam da profunda admiração que o imperador D. Pedro II nutria pelo escritor francês e compartilharam sua consternação: jornalistas, poetas e leitores choraram a morte de Victor Hugo. Todos lamentaram a perda do criador de Quasímodo. Todos, exceto Machado de Assis. Em crônica de 28 de maio de 1885, o

colaborador da *Gazeta de Notícias*, sob o pseudônimo de Lélío, trata com absoluta frieza e desdém a morte do autor de *La Legende des Siècles*.

Sabendo que ele lia e admirava a obra hugoana, procuramos nas crônicas anteriores um lamento, um comentário de pesar, e nada encontramos. A última contribuição de Lélío data de 21 de maio, ou seja, é anterior à morte do poeta francês. Nos dias subseqüentes, uma estranha lacuna e, enfim, essa crônica, no mínimo, surpreendente.

Comportamento inusitado diante do falecimento de um escritor mundialmente reconhecido e que, como se sabe, era um dos prediletos do escritor fluminense.

Por isso, torna-se difícil compreender a posição de Machado de Assis na crônica de 28 de maio. Eugênio Gomes<sup>2</sup> acredita ter encontrado uma explicação:

A função de cronista estava na época condicionada a um tipo de galhofa que era garantia segura de êxito e Machado de Assis não media sacrifício em exercer o gênero de maneira cabal (...) Ser cronista era lionizar o mundo social de modo irresistível .

Esse ponto de vista, entretanto, não se sustenta após um estudo dos jornais da época.

A morte do autor das *Orientales* foi destaque nos periódicos nacionais que acompanhavam de perto todas as notícias vindas de Paris. Sua agonia foi narrada minuciosamente e, até o seu enterro, muitos escritores desconhecidos buscaram se promover às custas do falecimento do poeta francês, acendendo seu "charuto na casa em brasa". Esta afirmação pode ser facilmente comprovada por meio da leitura dos jornais de maio a junho de 1885.

A saúde de Victor Hugo estava abalada já há algum tempo. Ele fora acometido por uma pneumonia e uma lesão cardíaca em 14 de maio. Quatro dias depois, a agência Havas enviou um telegrama de Paris informando a gravidade de sua doença e de seu estado que inspirava cuidados. Essa notícia, publicada na segunda página da *Província de São Paulo* em 20 de maio, seria a primeira de uma longa série: no dia seguinte, na primeira página da *Gazeta de Notícias*, pode-se ler, na seção intitulada "Telegramas" que o estado de Victor Hugo continuava "gravíssimo" e a população de Paris revelava a "maior ansiedade pelas notícias do ilustre enfermo".

De fato, ele começava a agonizar:

A noite de 19-20 de maio foi horrível. Hugo despejava frases em francês, traduzindo-as na mesma hora em latim e depois em espanhol, como para uma platéia internacional. Às duas da manhã, saltou de repente da cama e teve de ser levado de volta à força. Depois, rolou para o outro lado e ficou de pé no chão por alguns segundos, gritando: "*C'est ici le combat du jour et de la nuit*".<sup>3</sup>

Ainda no dia 21, *A Província de São Paulo* reproduz, agora na primeira página, o telegrama publicado pela *Gazeta*, "verdadeiramente contristador" e tece o seguinte comentário: "A existência de Victor Hugo não é só preciosa para a França, mas para todos os povos civilizados."

No dia 22 de maio, a última informação que chega é fornecida pela *Gazeta* na mesma seção, indicando ser desesperado o estado de Victor Hugo. Já não havia esperanças de que se salvasse.

E, finalmente, no dia 23 de maio, deparamo-nos com a primeira "Manchete" da *Gazeta de Notícias*. No alto da primeira página, em letras garrafais, lia-se:

### VICTOR HUGO

*De verre pour gémir  
d'airan pour résister<sup>4</sup>*

*homenagem da Gazeta de Notícias*

Logo abaixo, ainda na seção "Telegramas", encontra-se o relato da morte do poeta:

#### "Victor Hugo

Paris, 22 de maio

Faleceu Victor Hugo, à 1 ½ hora da tarde, depois de uma terrível agonia. Espalhou-se logo a notícia em boletins de quase todos os jornais, com largas margens negras.

O Estado tomou a si a despesa do enterro do grande morto.

O dia das exéquias é considerado dia de luto nacional.

É quase certo que o parlamento resolverá que Victor Hugo seja sepultado no Panthéon.

O enterro será civil, apesar da oposição do arcebispo de Paris.

Toda a primeira página é dedicada ao poeta: há um resumo de sua vida, uma descrição de seu estilo, um comentário sobre sua obra e, a seguir, a homenagem de várias personalidades cariocas.

*A Província de São Paulo*, também na primeira página e em destaque, comenta a notícia da morte do escritor francês:

#### VICTOR HUGO

O telégrafo acaba de transmitir-nos a triste notícia da morte de Victor Hugo.

Os telegramas destes últimos dias eram aterradores e deixavam antever este doloroso resultado.

Acabou, pois, essa existência gloriosa e brilhante, gelou para sempre a mão que firmara as mais notáveis páginas literárias do século XIX, e todos os países civilizados cobrem-se hoje de luto pelo poeta imortal que era o orgulho da França e a admiração do mundo.

Morreu, porém, cercado de homenagens que nenhum monarca até hoje recebeu, morreu depois de haver assistido à sua própria apoteose e de ter visto curvarem-se ante os seus venerandos cabelos brancos todos os grandes da terra.

Victor Hugo era, para todos que estudam, o patriarca imponente das letras universais, o pontífice máximo da catolicidade inteligente./.../  
Todas as lágrimas são poucas para chorar esse morto imortal./.../  
Não nos permite o adiantado da hora darmos um estudo circunstanciado do grande gênio. Cumpriremos amanhã esse doloroso dever.

A *Gazeta* parecia trazer a homenagem pronta: na primeira página havia um poema de Joaquim de Siqueira, uma tradução de *Passeando pela manhã* de Arthur Azevedo, comentários de Taunay, Eunápio Deiró, Ferreira Viana e o poema *1802-1885* de Machado de Assis, no qual ele coloca o escritor francês ao lado de Homero, Voltaire e Shakespeare e demonstra nutrir um profundo respeito e uma admiração sincera por Victor Hugo.

#### **1802-1885**

Um dia, celebrando o gênio e a eterna vida,  
Vitor Hugo escreveu numa página forte  
Estes nomes que vão galgando a eterna morte,  
Isaías, a voz de bronze, alma saída  
Da coxa de Davi; Ésquilo que a Orestes  
E a Prometeu, que sofre as vinganças celestes  
Deu a nota imortal que abala e persuade,  
E transmite o terror, como excita a piedade.  
Homero, que cantou a cólera potente  
De Aquiles, e colheu as lágrimas troianas  
Para glória maior da sua amada gente  
E com ele Virgílio e as graças virgilianas;  
Juvenal que marcou com ferro em brasa o ombro  
Dos tiranos, e o velho e grave florentino  
Que mergulha no abismo, e caminha no assombro  
Baixa humano ao inferno e regressa divino;  
Logo após Calderón, e logo após Cervantes;  
Voltaire, que mofava, e Rabelais que ria;  
E, para coroar esses nomes vibrantes,  
Shakespeare, que resume a universal poesia.

E agora que ele aí vai, galgando a eterna morte,  
Pega a História da pena e na página forte,  
Para continuar a série interrompida,  
Escreve o nome dele, e dá-lhe a eterna vida.

O tom dos versos é sério, contido e elogiativo. Por que, então, no dia 28 de maio o narrador mostra-se irônico, arrogante e impaciente ao tratar de um tema tão delicado?

Os jornais da época podem fornecer uma resposta a essa questão: nos dias subseqüentes à morte do autor de *Les Orientales*; a *Gazeta de Notícias* e vários outros periódicos do Brasil inteiro, foram "bombardeados" por publicações de escritores inexpressivos,

ansiosos por notoriedade, poemas de gosto duvidoso em memória do escritor francês, enfim, páginas e páginas escritas por pessoas de pouco ou nenhum talento que, aproveitando o espaço cedido pelo jornal e a notícia causadora de grande comoção em todo o país, desejavam se autopromover.

A *Província de São Paulo* fortalece essa convicção: no dia 24 de maio, publica, na primeira página, uma biografia extensa de Victor Hugo feita por Navarro de Andrade que, entre outras coisas, afirma:

Diante do túmulo ainda aberto de Victor Hugo, diante do cadáver ainda quente desse homem que encheu o mundo com o seu nome em quase um século de existência é que se compreende que a morte, a verdadeira morte é o esquecimento./.../ Ao sentir aproximar-se o momento fatal da despedida, ele decerto não conheceu as dolorosas saudades do mundo, nem estremeceu ante as incertezas do futuro. Falsa ou não a imortalidade do além-túmulo, ele tinha segura a imortalidade desse nome que viverá com a França e além dela, como ainda vive Homero e o Dante, como viverá sempre Camões./.../ E nenhum defensor mais convicto nem mais corajoso do que ele; a reação não deu um passo sem que encontrasse o seu pulso de ferro a repeli-la, a tirania não ergueu a cabeça sem que encontrasse o seu pé que a esmagasse./.../ Ninguém o lê que não o admire, ninguém o ama que não lhe obedeça./.../ A França e Hugo formaram uma só entidade e ninguém falava desse grande país sem lembrar o seu primeiro cidadão.

Na segunda página, *A Província de São Paulo* comenta ainda que as casas francesas da cidade haviam exposto a bandeira de sua nacionalidade com o sinal de luto.

Carneiro Leão<sup>5</sup>, ao comentar a repercussão da morte de Victor Hugo, cita alguns textos publicados nos jornais:

- de Agapito da Veiga: "Cristo foi o cordeiro da humanidade, Victor Hugo foi o seu leão."  
de Luís Delfino: "Foi menos Deus que o Cristo e mais homem que ele."  
de Alfredo Conrado: "ele era um deus universal."  
de Artur Mendes: "As doces criancinhas  
Que amavam tanto Hugo  
Soluçam coitadinhas  
Por seu querido avô"

Segundo o autor, a revista *A Semana* envolveu em crepe a sacada do edifício e decretou luto por oito dias. Em seguida, instituiu um concurso de sonetos sobre Victor Hugo.

Para esse concurso foi designada uma comissão julgadora composta por três escritores, dentre os quais, Machado de Assis. Ao concurso apresentaram-se 45 concorrentes.

Em São Paulo, senhores a favor da libertação dos escravos reuniram-se e resolveram homenagear o ilustre falecido fundando o *Club Abolicionista Victor Hugo*. A comunidade francesa mandou publicar uma carta em sua língua de origem na *Província de São Paulo*, convocando os admiradores do autor de *L'Homme qui Rit* para participar de uma comissão organizadora que lhe prepararia uma homenagem .

No dia 27 de maio, ele ainda é notícia no mesmo jornal: a agência Havas informa haver uma subscrição nacional para elevar ao poeta das *Orientales* uma estátua comemorativa.

Na Câmara dos Deputados paulistana, o conselheiro Martim Francisco pede aos presentes seja inserido na ata um voto de pesar pelo passamento do criador de Gavroche e que esse gesto seja comunicado ao governo francês por intermédio do governo imperial.

D. Pedro II, admirador profundo do escritor francês, solicita a Múcio de Oliveira que reúna em livro as traduções feitas por poetas brasileiros de poemas de Victor Hugo. O livro, denominado *Hugonianas* foi oferecido a Jeanne, neta do "gigante do século".

As homenagens se estenderam durante todo o mês de maio. Aguardava-se com grande expectativa o funeral e o enterro do *Homem Oceano*.

No dia 28 de maio, o jornal *O País* publica o seguinte telegrama da agência Havas:

#### **Telegramas estrangeiros**

Paris, 25.

Por exigência das solenidades projetadas foi adiado para domingo próximo o funeral de Victor Hugo.

O cadáver embalsamado tem estado exposto no salão, transformado em câmara ardente. O catafalco, bem como todo o salão, acham-se cobertos de flores.

Dia e noite revezam-se os membros da família, os amigos e o pessoal encarregado de velar o cadáver, que tem sido visitado por um número considerável de pessoas.

Todo o povo de Paris quer ver pela última vez a imagem do seu poeta.

A partir desse dia, os jornais passam a comentar a polêmica envolvendo os funerais de Victor Hugo: o governo francês promulgou um decreto retirando ao Panthéon todo o caráter de edifício pertencente ao culto e destinando-o a "encerrar os despojos dos homens eminentes no caráter puramente civil" (*A Província de São Paulo*, 29/05/1885). O mesmo decreto ordenava fossem os restos mortais do poeta dados à sepultura no edifício do Panthéon. O clero protestou contra esse decreto do governo, exigindo que a igreja de Santa Genoveva mantivesse seus privilégios como templo católico.

Surdo aos protestos clericais, o governo marcou as exéquias para o dia 1º de junho, segundo *A Província de São Paulo* de 30 de maio. O enterro do autor de *Torquemada* tornou-se assunto polêmico e obrigatório.

Era preciso esperar que a lei completasse seu percurso pelas Câmaras. Enquanto isso, o corpo do escritor célebre entrava em decomposição. Trinta horas após sua morte, decidiu-se embalsamá-lo. Ainda faltavam vários dias para o funeral e a idéia de expor seu rosto à multidão foi abandonada. Entretanto, a população queria ver seu ídolo e a insanidade começava a tomar conta de seus leitores: o católico Leon Bloy sugeriu fosse o cadáver do poeta espalhado pelas ruas para ser igualmente dividido por seus admiradores. A ciência também quis a sua parte: pediu à família Hugo que liberasse o cérebro do gênio da literatura francesa para estudos importantes; diante da recusa, os fisiologistas atacaram tal postura egoísta e contentaram-se em estudar sua máscara mortuária, chegando à conclusão, entre outras coisas, de que sua orelha esquerda era mais alta que a direita e a famosa testa de gênio era consequência de uma calvície precoce.

Em 31 de maio, *A Província de São Paulo* publicou na primeira página a tradução dos principais trechos das obras hugoanas. O mundo aguardava ansioso as exéquias do ilustre morto. Nessa mesma noite, seu caixão foi depositado embaixo do Arco do Triunfo. O monumento estava coberto de negro, guardado por cavaleiros com tochas.

A véspera do enterro foi descrita como babilônica: lembrancinhas do escritor eram vendidas por ambulantes. Quatrocentas calças que "revestiram as pernas do maior poeta de todos os tempos" foram postas à venda por um senhor que afirmava ter sido seu criado. Bebia-se muito vinho, cantava-se, reservavam-se lugares para ver o cortejo de perto <sup>6</sup>.

Na manhã de 1º de junho, dois milhões de pessoas acompanharam o enterro de Victor Hugo. Janelas, sacadas e galhos de árvores foram alugados por valores exorbitantes. Gigantescos arranjos de flores espalhavam-se pelo caixão triplo e em sua volta. Onze majestosas carruagens seguiam o cortejo. No meio de toda essa opulência, a última antítese do poeta: o carro fúnebre que o conduzia era aquele destinado aos pobres, uma carroça aberta, caindo aos pedaços.

No dia 03 de junho, após o enterro, Machado de Assis escreve uma "Bala de Estalo" em que se mostra cada vez mais perplexo com os acontecimentos ligados à morte do escritor francês:

Ando tão atordoado, que não sei se chegarei ao fim do papel. Se escorregar, segure-me.

/.../ li, nuns versos publicados em honra de Vítor Hugo, versos cheios de sentimento e vigor, entre os quais estes dois que me estromparam:

*Com suas filhas e netos  
Levou a cruz ao calvário*

Como se vê, foi um suplício de família; mas, ainda sendo de família, todos os suplícios são lamentáveis. E aqui, a consternação foi imensa. Ver aquele grande homem, ladeado de duas moças e duas crianças, Calvário acima, para lá pôr uma cruz, é ainda mais doloroso que estupendo. E para que levaria lá aquela cruz, se não tinha de morrer nela? eis aí o que me pareceu requinte de malvadez. A compensação única de levar uma cruz ao Calvário é morrer nela. Deram ao pobre velho um suplício, além de coletivo, gratuito.

Já me lembrou se o novo poeta apenas quis fazer uma figura. Em tal caso, desaparece esta segunda causa de atordoamento, para só ficar um desejo íntimo, que não hesito em tornar público. O desejo é que deixemos repousar o Calvário por algum tempo. Há já muito Calvário em verso e em prosa. Para que trocar este dobrão de ouro em moedinhas de níquel? é reduzi-lo a comprar cigarros<sup>7</sup>.

No dia 4 de junho, *A Província de São Paulo* publica este telegrama da agência Havas :

Por ocasião da inumação, foram proferidos dezoito discursos. Muito pesar em todo o acompanhamento e sinais inequívocos do sentimento que é da França inteira, patenteado pela cidade de Paris. Ordem perfeita, apesar de algumas manifestações que tentaram aparecer em caráter socialista. Foram apreendidas algumas bandeiras simbólicas, mas não houve tumulto nem desordens.

Graham Robb<sup>8</sup> contradiz o telegrama: segundo o autor, foram dezenove tediosos discursos e o enterro parecia um "alegre dia do Juízo Final":

Quando o carro fúnebre cruzou o Sena, que vários jornalistas compararam ao rio Styx, uma mulher caiu do parapeito e afogou-se, junto com o homem que tentou salvá-la. Logo adiante, um galho de árvore com excesso de população partiu-se, caiu num lance de escada e feriu cinco pessoas. Quando o cortejo entrou no Boulevard Saint-Michel, começou uma briga no Café de Cluny. Escadas caíram como soldados de brinquedo e uma mulher foi pisoteada. Seus gritos provocaram um ligeiro atraso. Fez-se uma prisão, e depois o desfile retomou seu curso, dolorosamente impressionado pelo incidente. No Boulevard Saint-Germain, uma mulher deu à luz.

A leitura dos jornais leva, portanto, à convicção de que a crônica machadiana do dia 28 de maio não desrespeitou a memória de Victor Hugo. A ironia, o cinismo, o comentário crítico, são dirigidos aos aproveitadores, àqueles cujo desejo era servir-se da morte de um grande escritor para obter sucesso.

A irritação do cronista é compreensível: "Vamos acender os charutos no castelo de Hugo enquanto ele arde (...) Incêndios duram pouco e os fósforos são vulgares". Ele não se sente obrigado a usar de ironia ao comentar o falecimento do escritor francês porque era isso que se esperava de um colaborador da *Gazeta de Notícias*; ao contrário, reage com

indignação: "sei que resta a polca, que não há de perder um petisco tão raro como a morte de um poeta".

Quando fala da "basbacaria humana", refere-se a esse tipo de comportamento, o de promover-se às custas do talento alheio, buscando a fama e a notoriedade por meio de poemas medíocres publicados na seção "A pedidos".

Ao colocar no mesmo nível a notícia da morte do poeta e a liquidação da alfaiataria Estrela do Brasil, o narrador rebaixa a importância da primeira e releva a da segunda. Mas, não o faz para mostrar o *seu* ponto de vista. O acontecimento, certamente, despertou no cronista uma grande *comoção*. Ele fala, porém, da grande *sensação* que ele provocou nas folhas públicas. Tantos comentários, tantas homenagens...seriam essas pessoas leitoras da obra hugoana? O colaborador da *Gazeta* mostra que, ele pelo menos, conhecia muito bem a obra do autor de *Notre Dame de Paris*.

Não por acaso, cita versos conhecidos que pertencem a coletâneas diferentes, indicando uma leitura não apenas assídua, mas variada.

Todos os poemas citados eram famosos e os leitores da época podiam reconhecê-los sem dificuldade. O que faz o indignado cronista? Compara a morte do grande vate francês à liquidação da alfaiataria "Estrela do Brasil" e remete cada verso precioso de Victor Hugo a uma parte da vestimenta, sugerindo comentar a obra hugoana com a mesma indiferença com que se discute o preço de um tecido. Lélío ataca ainda a polca, "que não há de querer perder um petisco tão raro como a morte de um grande poeta" e sugere títulos que trouxessem "o pico do escândalo".

*Rien n'est sacré pour un sapeur* era o título de uma peça representada no teatro de Arnaud por uma atriz de duvidosa reputação; incluir esse título em um texto cujo tema era a morte de um dos maiores escritores da França revela a visão machadiana em relação à maneira pela qual se tirou proveito da morte de Victor Hugo: o triste acontecimento foi tão explorado que perdeu a conotação de luto e tornou-se um espetáculo grotesco. Nada é sagrado para aquele que cava as trincheiras, nada é respeitado por quem deseja se tornar famoso a qualquer preço.

Em 1885, o escritor carioca já era reconhecido nacionalmente e respeitado por seus romances, poemas e contos. Morto José de Alencar, ele se tornou o "patriarca" da jovem literatura brasileira. Victor Hugo exercia esse papel na França, de modo que Machado de Assis busca resgatar a importância do fato, sem o oportunismo dos admiradores de ocasião. Ele não precisava tirar proveito da morte do poeta francês para aparecer nas páginas dos jornais.

A postura, entretanto, revela algo mais: por ocasião das mortes de Casimiro de Abreu, Manuel Antônio de Almeida, Paula Brito e Gonçalves Dias, o autor de *Memorial de Aires* manteve-se quase em silêncio, comentando de maneira breve e discreta as notícias. Seria ele

indiferente à perda de seus amigos e mestres? Em crônica escrita em 19 de março de 1889 para a *Gazeta de Notícias*, Machado de Assis expõe a sua visão a respeito da maneira pela qual lida com a morte de alguém famoso:

Bons Dias!

Faleceu em Portugal o Sr. Jacome de Bruges Ornellas Ávila Paim da Câmara Ponce de Leão Homem da Costa Noronha Borges de Sousa e Saavedra, 2º Conde da Praia da Vitória, 2º Visconde de Bruges.

Quarta-feira, na igreja do Carmo, diz-se uma missa por alma do ilustre finado, e quem a manda dizer é seu amigo - nada mais que amigo gratíssimo à memória do finado. Nenhum nome, nada, um amigo; é o que leio nos anúncios.

Quem quer que sejas tu, homem raro, deixa-me apertar-te as mãos de longe, e não te faço um discurso, para não te molestar; mas é o que tu merecias, e mereces. Singular anônimo, tu perdes um amigo daquele tamanho, e não lhe aproveitas a memória para cavalgá-lo. Não fazes daqueles títulos e nomes a tua própria condecoração. Não chocalhas o finado à tua porta, como um reclamo, para atrair, e dizer depois à gente reunida: - Eu, Fulano de Tal, mando dizer uma missa por alma do meu grande amigo Jacome de Bruges Ornellas Ávila Paim da Câmara Ponce de Leão Homem da Costa Noronha Borges de Sousa e Saavedra, 2º Conde da Praia da Vitória, 2º Visconde de Bruges./.../ É assim, nobre anônimo; um morto ilustre é um naco de glória que não se perde; e além disso, é uma ocasião rara, e, às vezes única, de superar os contemporâneos.<sup>9</sup>

Machado de Assis era leitor e admirador de Victor Hugo. Os versos citados por ele indicam leitura constante, reflexiva e respeitosa do criador de *Esmeralda* e foram memorizados porque fazem parte de uma biblioteca exigente, na qual também se encontram Shakespeare e Dante. Ele demonstra, em *1802-1885*, ter o poeta francês o mesmo valor do grande dramaturgo inglês e do brilhante escritor florentino. A crônica escrita em 28 de maio daquele ano é uma manifestação indignada contra os que, sem talento, ousam se promover às custas de quem nem chegaram a conhecer e admirar profundamente. E a compreensão de sua postura só pode ser alcançada por meio da leitura dos periódicos da época.

A segunda crônica data de 10 de agosto de 1885. Eis alguns trechos desta outra "Bala"<sup>10</sup>

Permita o Rio de Janeiro que lhe chame paxá. É um nome como qualquer outro; mas no caso especial em que nos achamos é o que melhor assenta; lembra uns versos célebres de Vítor Hugo.

*Qu'a-t-il donc le pachà?* Acho-o preocupado. Não é certamente com o Sr. padre Olímpio Campos, que aceitou o desafio do Sr. José Mariano, e venceu-o ontem, em plena câmara; porquanto, o distinto deputado de Pernambuco tirou de dentro de um imposto inconstitucional nada menos que a reforma das eleições, o trabalho livre, Jorge III, Nestor, o senado, o poder pessoal, e o próprio imposto com grande espanto dele e meu; mas o ilustrado deputado de Sergipe fez mais.

- Estão vendo isto que aqui tenho na mão? disse ele à câmara. É uma ajuda de custo paga pelo presidente de Sergipe a um deputado; trago-a aqui para saber se o governo sanciona o ato daquele administrador. Agora, enquanto estou com a mão na massa, quero mostrar-lhe o que esta ajuda de custo tem na barriga.

E abrindo delicadamente o ventre do animal, tirou de lá, em primeiro lugar o seu procedimento acerca do projeto Saraiva, depois a opinião da igreja, e finalmente a história da escravidão desde os mais remotos séculos até sexta-feira passada.

*Qu'a donc le doux sultan?* Não me parece que seja a declaração do Sr. Castro Lopes, relativamente a Moisés. O nosso eminente latinista, analisando o Gênesis, assevera que Moisés nada soube do verdadeiro dilúvio, e ouviu cantar o galo sem saber onde, e isto por não ter conhecimento de geologia e física, nem a menor noção da evaporação atmosférica.

É certo que Moisés não conhecia a evaporação atmosférica; mas, em compensação, não conhecia a pólvora, nem a fotografia, nem a encadernação inglesa, nem a arte dentária, ignorava absolutamente a hidrografia, a dosimetria, a coreografia, o positivismo, o oportunismo, o naturalismo, a acústica, o formicida Capanema, e uma infinidade de coisas, que nunca lhe passaram pela cabeça, ou por elas serem mais modernas que ele, ou por ele ser mais antigo que elas: talvez por ambas as razões.

*Qu'a-t-il l'ombre d'Allah?* Não acabo de acertar com a causa de tamanha preocupação. Receará ele que o exemplo do 17o. Distrito, folha de Minas-Gerais, pegue em todo o Império?

Essa folha noticiou a recepção que teve ali o Sr. conselheiro Mata Machado. Chegando o viajante a S. Gonçalo, recolheu-se à casa de um amigo, onde ia passar a noite. Trocaram-se vários discursos; e depois de todos, ainda dois, que a folha menciona nestes termos: "Falaram também no mesmo sentido o Sr. Joaquim José Pedro Lessa, que acabava de chegar, e o Dr. Álvaro da Mata Machado, saudando a este".

Compreende-se que o saudado é o conselheiro. O escritor não fez mais do que aproveitar a identidade dos apelidos para poupar algumas palavras. Não digo que isto seja invenção do 17º Distrito. Já há muitos anos, um francês parcimonioso, dizia a um amigo: *Venez de bonne heure; le mien est de vous voir*<sup>11</sup>. Não creio, porém, que haja motivo para recear que, de economia em economia, os jornais cheguem ao extremo de falar por gestos.

Que será então que preocupa tanto ao paxá? Que é que lhe ensombra a frente? Não é a história do Sr. padre Olímpio, não é a ignorância de Moisés, não é o estilo econômico do 17º Distrito, não é também a reforma servil, nem o estado da fazenda, que diabo será que o faz sorumbático e tonto? Coisas de paxá: - perdeu o tenor Tamagno.

*Son tigre de Nubie est mort*

Francesco Tamagno foi um dos maiores tenores do século XIX. Contratado pelo maestro Ferrari, veio ao Brasil pela primeira vez em 1878, retornou no ano seguinte e ainda mais três vezes, em 1881, 1882 e, finalmente, em 1885. Seus excepcionais dotes vocais transformaram-no em um dos intérpretes preferidos de Verdi, que o escolheu para os papéis de

Ricardo em *Un ballo in maschera*, Radamés em *Aída* e Otelo, na ópera do mesmo nome, numa representação que lhe valeu um sucesso triunfal. Morreu aos 65 anos na Itália.

A Companhia de Ferrari veio ao Brasil pela primeira vez em 1876. A amizade entre o maestro e Machado de Assis era, porém, muito mais antiga. Segundo Lafayette Silva<sup>12</sup>, a estréia do escritor fluminense no teatro deu-se não com uma comédia, mas com uma "opereta em três atos traduzida do francês, *Pipelet*, cuja música era do maestro Ferrari", milanês nascido em 1833 e falecido em 1907, contratado, segundo a *Gazeta de Notícias* de 1º de setembro de 1883, pelo Teatro Scala de Milão, onde realizaria a famosa representação de *Otelo* com Tamagno interpretando o papel-título em 1887.

O cronista fluminense refere-se ao amigo italiano várias outras vezes e está indignado ao comentar a notícia de que o maestro não viria naquele ano de 1884 ao Brasil e Tartini o substituiria: "Este Tartini não inventou nada, mas tão depressa soube que Ferrari não vinha, deu-se pressa em substituí-lo".

O pobre Tartini havia sido atacado por toda a imprensa durante as apresentações de sua Companhia. Cansado de ser motivo de chacotas e zombarias, escreveu à *Gazeta de Notícias* em 13 de agosto:

#### **"COMPANHIA LÍRICA ITALIANA TARTINI**

O abaixo assinado declara por este meio, que não pretende responder, nem responde aos anônimos ataques que se esforçam em denegrir a companhia (...) Propondo-se a preencher o vácuo deixado nesta adiantada estação pela falta da Empresa Ferrari (...) tomou um compromisso sério que sabe e pode manter com toda lealdade necessária e deixa aos malévolos o prazer de profetizar desastres que não se realizarão senão em sua imaginação. ( p. 2)

O injustiçado Tartini não voltaria no ano seguinte. Em agosto de 1885, portanto, a Companhia do Maestro Ferrari, que já se ausentara no ano anterior e prometia trazer o grande tenor Tamagno, era aguardada com ansiedade: anunciada em todos os jornais da época como o *Folha Nova*, o *Diário do Brasil*, a *Província de São Paulo* e é claro, a *Gazeta de Notícias*, a sua vinda lotou o Teatro Imperial Pedro II.

A temporada de sucessos só recebeu elogios da imprensa. O *Diário do Brasil* de 07 de agosto comenta na seção intitulada "Teatros" a apresentação de *O Profeta*, "um verdadeiro sucesso" e o desempenho de Tamagno, "magnífico".

A *Gazeta de Notícias* do mesmo dia acrescenta na página 2:

**Teatro Lírico**

*O Profeta* - de Meyerbeer.

Tamagno tem uma figura e um órgão vocal que se nos afigura serem os melhores para interpretar o grande papel de João de Leyde, o protagonista (...). Ele canta-o magistralmente, com esmero, com cuidado.

Entretanto, a *Gazeta* do dia 09 de agosto apresenta uma nota no final da página 2: "O tenor Tamagno deixou de cantar perfeito; e já consta estar desgostoso da empresa." E o *Diário do Brasil* de 19 de agosto confirmará a substituição do "Sr. Tamagno" pelo "Sr. Marconi" na apresentação da ópera *Aída*.

Conclui-se, por meio das notícias dos jornais, que o tenor se desentendeu com Ferrari e abandonou a companhia do maestro italiano. Por isso, quando o colaborador da *Gazeta de Notícias* diz estar o Rio de Janeiro triste porque "perdeu o tenor Tamagno", não se referia, em absoluto, à morte do cantor lírico, mas a seu desligamento da "troupe" de Ferrari.

Para comentar a "perda do tenor Tamagno", Lélío cita versos retirados do poema "La douleur du pacha" de Victor Hugo, escrito em 1827 e pertencente ao famoso *Les Orientales*.

O poema de 9 estrofes descreve a tristeza do sultão que, embora rico (*son aumône est bien pauvre et son trésor bien riche*), mostra-se sombrio e amargurado. É possível dividi-lo em duas partes: nas 5 primeiras estrofes busca-se descobrir a causa da dor do paxá. Os versos introdutórios a essas estrofes perguntam: "*Qu'a donc l'ombre d'Allah?*", "*Qu'a-t-il donc le pacha, le vizir des armées?*", "*Qu'a-t-il donc?*", "*Qu'a donc le doux sultan?*", "*Qu'a donc le maître?*" Os versos seguintes levantam hipóteses variadas, porém, superficiais: estaria o sultão indignado porque seu banho fora contaminado com uma essência grosseira? Estaria ele enraivecido porque se perdeu o vaso com os perfumes que o rejuvenescem? Estaria ele furioso por ter surpreendido seu filho com sua favorita?

As quatro últimas estrofes desmentem essas hipóteses e descartam até as que seriam justificáveis e importantes, como a amargura diante da Grécia incendiada, o remorso pelo assassinato de crianças ou a tristeza diante de cidades destruídas. Por que estaria, então, deprimido o paxá?

O último verso esclarece a razão de seu pranto: "*Son tigre de Nubie est mort*".

A crônica possui idêntica estrutura. Numa primeira parte, o escritor fluminense chama o Rio de Janeiro de paxá, pois o considera tão preocupado como o sultão do poema francês. Em busca da compreensão de tamanha tristeza, o cronista cita o 7º verso do poema de Victor Hugo ("*Qu'a-t-il donc le pacha?*") e inicia um parágrafo em que apresenta uma possível razão para a melancolia da cidade: uma discussão na câmara entre dois adversários políticos, o Pe. Olímpio de Sousa Campos, membro do Partido Conservador e deputado por Sergipe, e José Mariano Carneiro da Cunha, deputado liberal por Pernambuco e companheiro de Joaquim

Nabuco na campanha abolicionista. Na câmara discutia-se, então, o projeto Saraiva, que libertaria os escravos sexagenários.

Não satisfeito, o cronista cita o 19º verso ("*Qu'a donc le doux sultan?*") para levantar nova hipótese: estaria o Rio de Janeiro indignado com a declaração do latinista Castro Lopes relativamente a Moisés? O famoso astrônomo e homeopata, afirmara nada saber Moisés a respeito do verdadeiro dilúvio "e isto por não ter conhecimento de geologia e física, nem a menor noção da evaporação atmosférica" Finalmente, a última tentativa para elucidar o problema: ele cita o 1º verso do poema ("*Qu'a donc l'ombre d'Allah?*") e propõe ser o motivo para tal preocupação um erro de sintaxe cometido pelo jornal *17º Distrito*. O jornal mineiro quis "poupar algumas palavras" para dar uma notícia, o que resultou num "estilo econômico" bastante obscuro e deselegante.

A segunda parte nega todas as possibilidades apresentadas e elucida o mistério: a cidade está taciturna porque "perdeu o tenor Tamagno". Cita, finalizando, o último verso do poema francês: "*Son tigre de Nubie est mort*".

A comparação da estrutura formal dos dois textos leva à conclusão de que a crônica se inspirou no poema hugoano:

<i>Poema</i>	<i>Crônica</i>
A tristeza do sultão	A tristeza do Rio de Janeiro
Apresentação de hipóteses fúteis	Apresentação de hipóteses fúteis
Negação das hipóteses	Negação das hipóteses
Esclarecimento da tristeza	Esclarecimento da tristeza
Perda do tigre	Perda do tenor

A citação teve, portanto, um papel determinante na elaboração da crônica. Os dois textos foram construídos sobre a mesma base estrutural; todavia, seu tom é diverso e sua finalidade, totalmente outra. Isso decorre da diferença de gêneros.

"*La douleur du pacha*" tem como epígrafe uma citação de Byron, o que já indica a atmosfera reinante: "*Séparé de tout ce qui m'était cher, je me consume solitaire et désolé*". Os adjetivos usados por Victor Hugo completam esse ambiente sinistro: "*sombre*", "*immobile*", "*avare*", "*triste*", "*rêveur*".

Além da atmosfera criada por essa adjetivação, há o contraste apontado entre a vida luxuosa do sultão e a pobreza de seus súditos, a antítese entre o mal que sua indiferença provoca e a inocência dos pobres. Utilizando-se de interrogações e exclamações, o poeta nos

leva a uma conclusão inesperada e chocante, reveladora do egoísmo do paxá diante da miséria que o cerca, mas não o atinge: seu tigre morreu e só isso importa.

Portanto, adjetivos sombrios, imagens de ruína e destruição dão ao poema um tom desolador e ao mesmo tempo crítico, tão caro ao autor do "Prefácio de Cromwell", para quem a arte possuía uma "missão civilizadora".

Escrito em versos de doze e oito sílabas, "*La douleur du pacha*" é um poema notável pela segurança da rima, a harmonia sonora e o vigor do ritmo. Através da abundância de imagens, sensações e formas, chega-se à fantasia do poeta que reivindica "*la liberté dans l'art*". Fruto de um trabalho exaustivo em busca da perfeita versificação, o poema demonstra flexibilidade, ousadia e imaginação.

Embora Victor Hugo afirme ter escolhido o tema de *Les Orientales* ao acaso, "*en allant voir le coucher du soleil*"<sup>13</sup> e que nessa obra sejam privilegiados o sonho, a fantasia, as palavras sonoras, a luz e as cores, pode-se notar uma preocupação com questões profundas como o contraste entre a miséria e a riqueza, a piedade pelos humildes e o sentimento humanitário.

Já na crônica irreverente, o tom é outro. O vocabulário utilizado é leve e coloquial. Expressões familiares como "estou com a mão na massa", "ouviu cantar o galo sem saber onde", "que diabo será que o faz sorumbático e tonto", mesclam-se aos versos densos do poema francês sem a menor cerimônia.

As hipóteses levantadas pelo cronista para esclarecer a tristeza do Rio de Janeiro são divertidas e comentadas ironicamente. A discussão sobre o elemento servil entre o Pe. Olímpio Campos e o deputado José Mariano só interessa pelo que ela tem de hiperbólica e farsesca. Nada resta das antíteses do poema francês, da atmosfera sombria e terrificante. Ao contrário, o leitor se depara com a vivacidade do colaborador das "Balas de Estalo", mesmo sendo grave o assunto.

Contextos e finalidades tão diferentes não impediram Machado de Assis de se servir dos versos de Victor Hugo. Dando vazão à sua criatividade, o cronista apropria-se de um poema escrito em 1829 e o adapta a um texto jornalístico de 1885, indicando que a Corte e o paxá lamentam a perda de um ente querido. Do Oriente ao Rio de Janeiro, a longa travessia é feita com humor e tem-se a impressão de que o elemento francês é parte integrante da crônica, pois ele se adapta à "Bala de Estalo" e enriquece-a; molda-se de acordo com sua estrutura, integrando-se ao discurso do narrador.

Evidentemente, a poesia sofre um "rebaixamento" na passagem para a prosa galhofeira e coloquial da crônica. Os versos hugoanos devem emocionar; enquanto o texto jornalístico tem por obrigação divertir os leitores. O livro permanece na estante, para ser consultado, relido; o jornal tem duração efêmera. Essa passagem, entretanto, é tão bem

construída, que um livro exótico como *Les Orientales* é retomado e adaptado, podendo descrever a realidade imediata de um país periférico do Ocidente.

Nessa crônica, tudo viaja e conflui para o Brasil: o tenor Tamagno, a companhia Ferrari e Victor Hugo.

A análise desses dois textos demonstra como o estudo dos periódicos é fundamental para se compreender o trabalho do cronista. Ignorar os jornais resulta em uma interpretação errônea: no primeiro caso, poder-se-ia pensar que Machado de Assis foi indiferente e zombeteiro em relação à morte de Victor Hugo; no segundo caso, o leitor pode ser levado a imaginar que Tamagno havia morrido e não apenas se desligado da trupe do maestro Ferrari. Esses equívocos são facilmente evitados se o leitor percorrer o mesmo caminho feito pelo escritor, deliciando-se com as notícias da época e com os comentários feitos pelo "confeiteiro" carioca.

## Notas

---

<sup>1</sup> ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Crônicas**. Rio de Janeiro: Jackso, 1962, p. 243-246

<sup>2</sup> GOMES, Eugênio. **Espelho contra Espelho**. São Paulo: IPE, 1949, p. 79

<sup>3</sup> ROBB, Graham. **Victor Hugo, uma biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

<sup>4</sup> Versos retirados de "A Louis B." de 1834. O poema, publicado em *Les Chants du crépuscule*, é dedicado ao pintor Louis Boulanger e termina com esta estrofe:

"Il partit; et la vie, incertaine et profonde,  
Emporta vers des jours plus mauvais ou meilleurs,  
Vers des événements amoncelés ailleurs,  
Cet homme au flanc blessé, ce front sévère où tremble  
Une âme en proie au sort, soumise et tout ensemble  
Rebelle au dur battant qui la vient tourmenter,  
De verre pour gémir, d'airain pour résister." (HUGO, 1970, p. 108)

<sup>5</sup> CARNEIRO LEÃO. **Victor Hugo no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, p. 163-258.

<sup>6</sup> ROBB, op.cit., p. 504

<sup>7</sup> ASSIS, Joaquim Maria de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959, p. 460

<sup>8</sup> ROBB, op. cit., p. 507-508

<sup>9</sup> ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Bons Dias**. org. John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1990.

<sup>10</sup> ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Crônicas de Lélío**. org. Magalhães Jr., s/d.

<sup>11</sup> Citação não localizada.

<sup>12</sup> SILVA, Lafayette. **História do Teatro Brasileiro**. Rio de Janeiro: MEC, 1938

<sup>13</sup> HUGO, Victor. **Les Orientales/ Les Feuilles d'Automne**. Paris: Gallimard, 1988., p. 21.